

CRISTO COMO PARADIGMA DE MISSÃO:
REFLEXÕES DA AMÉRICA LATINA

Jorge L. Julca, Coordenador Regional de Educação da América do Sul

A história da missão cristã esta intimamente ligada a pessoa e obra de Jesus Cristo. Ele é o eixo essencial da nossa fé e é o melhor missionário enviado por Deus. Sua vida e ministério estiveram cheios de elementos que marcaram Seu modelo de missão; por isso, Ele constitui nosso paradigma missiológico, a qual seguimos, por excelência.

O modelo missionário de Jesus nos une intimamente a definição sobre Sua pessoa. Isto é, *identidade* (quem é Jesus), e *missão* (como veio ao mundo e o porquê) estão intrinsecamente unidos.

Os três Evangelhos Sinópticos registram aquele dia em Cesárea de Filipo quando Jesus fez a pergunta chave aos seus discípulos sobre Sua pessoa, usando os seguintes termos: “Quem os outros dizem que eu sou?” E logo aprofundou-se ao sondar seus corações com a segunda interrogação: “... E vocês, Quem vocês dizem que eu sou?” (Mat. 16:13-17).

A resposta espontânea de Pedro foi bem recebida (vs. 16-17), porém na passagem seguinte (Mat. 16:21-25), logo que Jesus anunciou sua própria morte, o apóstolo trata de persuadir Jesus para que renuncie ou escape de sua missão redentora, e é duramente confrontado pelo Senhor. Que quer dizer esta mudança no pensamento de Pedro? Nos anos do ministério público de Jesus, as expectativas do povo em relação a missão eram opostas ao propósito divino. Enquanto os judeus esperavam por um Messias que os livraria politicamente do jugo romano (o que não seria possível se o Messias precisasse sofrer e morrer), a proposta de Jesus era de liberta-los de uma escravidão maior. Era um contraste de expectativas entre o temporal e o eterno, entre o material e o espiritual.

Em nossos dias, todavia, existem contradições em relação as diferenças de interpretações individualistas sobre a pessoa de Jesus e sua missão. Em nossa geração, a

imagem de Cristo é reduzida pelos requisitos e pedidos de seus seguidores. Entretanto, como Bedford e Segura declararam no Quinto Congresso de Evangelismo da América Latina:

Jesus nega ser mais uma oferta de consumo. Ele se levanta como o Cristo soberano, que demanda lealdade, fidelidade, mesmo quando o caminho se apresenta adverso e desconcertante. É precisamente por causa disso que, com a sua vida, morte e ressurreição, há força, divergência, contraste e confirmação que Ele é o Cristo, e que ele é capaz de questionar profundamente nossas mais restringidas utopias e esperanças¹.

Por isso que, o responder à pergunta sobre quem é Jesus, é uma necessidade existencial e inescapável na vida de qualquer discípulo de Cristo, pois nos vincula com o Seu modelo de missão. Ele é um Cristo cuja demandas radicais exigem definições e perguntas que nos remetem a buscar as respostas fiéis a sua mensagem e ao seu mandato.

Bases teológicas para um Paradigma Cristológico da Missão.

Ao estudar a vida e ministério de Jesus nos deparamos com essas três bases teológicas essenciais para traçar um caminho adiante na nossa missiologia: Sua encarnação, Sua crucificação e morte, e Sua ressurreição. Obviamente, esta não é a única opção para estabelecer algumas pautas que nos auxiliem na busca por um modelo cristológico de missão; por exemplo, Bosch propôs quatro aspectos salientes do ministério de Jesus para entender a força missionárias por detrás da Pessoa e obra do Senhor².

Assim mesmo, com o propósito de contextualizar nossa reflexão em torno da busca destas pautas missiológicas, vamos tentar fazer um contraste entre estas três bases teológicas essenciais da vida do Senhor e algumas imagens de Cristo presentes no cenário religioso da América Latina.

¹ Nancy Bedford y Harold Segura. *CLADE V. Sigamos a Jesús en su Reino de vida*. Buenos Aires. Editorial Kairós, 2011. p. 40.

² David Bosch levantou estes quatro aspectos excepcionais da pessoa e do ministério de Jesus para considerar em um modelo cristológico de missão: Jesus e o Reino de Deus, Jesus e a Lei, Jesus e seus discípulos, e a missão da perspectiva da Páscoa. *Misión en Transformación. Cambios de paradigma en la teología de la misión*. Grand Rapids, Michigan: Libros Desafío, 1991. p. 50-63.

É necessário apontar que, historicamente na América hispânica, foram criadas algumas imagens de Cristo distantes da sua natureza teológica e de seu modelo de missão³. Com o descobrimento da América, há mais de 500 anos, Cristo também chegou a nosso continente e isso pode ser notado na arte, na literatura e na religião. Juan Mackay, teólogo e missionário inglês, em seu livro fundamental: *“El Otro Cristo español”* descreve o Cristo Criollo que chegou a América nos seguintes termos,

A primeira coisa que vem à nossa atenção no Cristo Criollo é a falta de humanidade. Quanto à sua vida terrena, ele aparece quase exclusivamente em dois papéis dramáticos: o de uma criança nos braços de sua mãe e a de uma vítima dolorosa e sangrenta. É a imagem de um Cristo que nasceu e morreu, mas que nunca viveu⁴.

As imagens parciais de Cristo em nosso continente foram forjadas, mais como produto da ignorância e da influência da tradição do que do encontro com a pessoa de Jesus Cristo. Foram metáforas instaladas no pensamento e na imaginação religiosa das pessoas, mas longe do modelo bíblico.

A encarnação de Jesus: Deus tornou-se como nós.

“E o verbo se fez carne e habitou entre nós (João 1:14)

A encarnação de Jesus não é somente um tema que devemos conhecer teologicamente, mas sim uma realidade histórica que marcou um modelo de missão que devemos imitar. O versículo mais conhecido das Escrituras faz menção a esta profunda verdade que mudou a história da humanidade: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu filho Unigênito...” (João 3:16). Jesus tornou-se humano por amor a nós, mas também foi situado historicamente e culturalmente; Ele era judeu do primeiro século e se inseriu nas realidades estruturais e sociais de seu tempo.

³ Samuel Escobar tem uma obra excelente intitulada: *En busca de Cristo en América Latina*, onde cronologicamente traça o itinerário da Cristologia na América Latina.

⁴ Juan Mackay. *El Otro Cristo Español*. Buenos Aires: Ediciones la Aurora, 1988. p. 128.

Um dos aspectos destacados do modelo encarnacional nos leva a refletir que o estilo do ministério público do Senhor estava focado nos mais vulneráveis de sua geração ou nos setores sociais menos favorecidos. De acordo com vários autores, em suas análises do Novo Testamento⁵, crianças, mulheres, samaritanos, pobres, publicanos e marginalizados, foram os protagonistas da missão de Jesus. Provavelmente, essa abordagem foi um dos pontos mais discordantes com as normas religiosas de seu tempo, mas é uma marca significativa que devemos levar em conta, porque se iremos cumprir a missão em coerência com o Evangelho de Jesus, somos chamados a servir aqueles que já sofrem e aos necessitados em nosso contexto.

Quantas possibilidades temos na América Latina em torno deste modelo missiológico! Nosso continente é um campo missionário cheio de contrastes e uma realidade social emergente marcada por indicadores sociais desencorajadores à espera de uma mensagem transformadora.

Outro dos elementos distintivos derivados da base teológica da Encarnação de Jesus é o alcance de sua missão e do conteúdo de sua mensagem. Seu alcance é universal, inclusivo e atravessa todos os tipos de barreiras sociais, geográficas, raciais, etc. deixando de lado qualquer etnocentrismo ou preconceito de qualquer tipo. Por outro lado, o conteúdo da mensagem de Jesus Cristo é de esperança e justiça enquadrada na proclamação do Reino. Uma mensagem de esperança para aqueles que esperavam a salvação que viria e uma mensagem de justiça para os vulneráveis e fracos.

A mensagem de Jesus faz um convite à conversão que implica uma mudança radical de obediência e compromisso com as exigências do Evangelho.

⁵ Véase Senior y Stuhlmüller en *Biblia y Misión: fundamentos bíblicos de la misión*. Verbo Divino, Estella, 1985; David Bosh. *Misión en Transformación*. Libros Desafío, Grand Rapids, Michigan, 2000. Joseph Fitzmeyer. *El Evangelio según San Lucas: Introducción general*. Cristiandad, Madrid, 1986.

Na América hispânica, um dos estereótipos de Cristo que não honra plenamente a dimensão teológica da Encarnação, tem sido a figura do bebê Cristo que descansa pacificamente nos braços de sua mãe, trazido pelos espanhóis. Sua dependência absoluta dos cuidados maternos é uma limitação. Como Ele poderia nos entender se ele mesmo necessita ser cuidado mesmo nos assuntos mais básicos de sobrevivência?

Como bebê, e diante de sua idade tênue e incompreensão da vida adulta, só podemos acessá-lo através da intercessão de sua mãe Maria. Esta cristologia popular tem aprofundado a veneração e adoração da Virgem Maria em muitos países do continente como intercessora da igreja.

Esta mensagem transformadora de Jesus Encarnado põe em evidência que o propósito de Deus é criar, sob essa nova humanidade em Jesus Cristo e no poder do Espírito, uma comunidade que encarna os valores do Reino e dá testemunho ao mundo.

Em Jesus Cristo, o Reino de Deus entrou na história, portanto, é uma realidade presente e uma promessa que precisa ser cumprida. Como igreja do Senhor vivemos nesse tempo de espera ativa entre a inauguração e a manifestação plena do Reino, e somos chamados a ser um agente de transformação na sociedade.

A Crucificação e a morte de Jesus: O sacrifício como prova suprema de amor

“Mas Deus prova o seu amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” Romanos 5:8

O artigo VI da Igreja do Nazareno sobre a Expição define claramente o que Jesus fez por nós quando afirma que: "Cremos que Jesus Cristo, por meio de seus sofrimentos, pelo derramamento de seu sangue precioso e a morte na cruz fez uma expiação completa de todo o pecado da humanidade ..." ⁶ A crucificação é um dos elementos distintivos da teologia cristã porque nós herdamos o ensinamento de que, através do seu sacrifício vicário na cruz, o

⁶ *Manual de la Iglesia del Nazareno*. Lenexa: Casa Nazarena de Publicaciones, 2013. p. 28

Senhor pagou um preço alto para nos resgatar ao cumprir a profecia do Servo Sofredor de Isaías 53.

A cruz é o ponto central e culminante da fé no Novo Testamento”⁷, e desafia nosso status quo. Uma questão que não pode ser adiada para nós é, qual é o lugar da cruz em nossos modelos de missão contemporâneos? Ao contrário dos nossos dias em que a cruz pode ocupar um papel decorativo, um ornamento sem grande ameaça, no primeiro século a cruz era sinônimo de vergonha, sofrimento e morte. O desafio de Jesus através de sua morte na cruz é também um chamado para uma vida de sacrifício e humildade a serviço dos outros.

Stott comentou que existe um contraste marcado entre o mundo e a cruz que se torna evidente entre ambição egoísta e sacrifício, entre poder e serviço, e entre conforto e sofrimento⁸. Referindo-se ao pedido egoísta de Tiago e João, que eram especuladores e buscavam lugares privilegiados, sedentos de honra e prestígio, este autor salienta:

Toda essa mentalidade é incompatível com o caminho da cruz. "O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida ..." Ele renunciou ao poder e à glória do céu e se humilhou para se tornar um escravo. Ele se entregou sem reservas e sem medo, às pessoas desprezadas e negligenciadas da comunidade Para elevá-los, ele estava disposto a suportar até mesmo a vergonha da cruz. Agora ele nos chama a segui-lo, não em busca de coisas boas para nós mesmos, mas procurar primeiro o Reino de Deus e a sua justiça⁹.

A demanda da cruz de Cristo está diretamente relacionada ao chamado radical do discipulado cristão porque o sacrifício, o serviço e o sofrimento são palavras difíceis de assimilar e aceitar nos nossos dias. Tozer escreveu que "Deus oferece a vida, mas não uma vida melhorada. A vida que ele oferece é uma vida nova que nasceu da morte. É uma vida que é possível apenas pela cruz. Quem quiser possuí-la tem que assumir a cruz..."¹⁰

⁷ W.T. Purkiser. *Explorando nuestra fe Cristiana*. Kansas City: Casa Nazarena de Publicaciones, 1979. p.187

⁸ John Stott. *La cruz de Cristo*. Buenos Aires: Ediciones Certeza, 1996. p. 317-319.

⁹ Ibid. p. 317

¹⁰ A.W. Tozer. *La cruz total*. Buenos Aires. Editorial Alianza, 2010. p. 77

Os desafios do discipulado nos confrontam e determinam o modelo de missão a seguir diante dos parâmetros do mundo. Stam, apontou que "o discipulado cristão é totalmente diferente. É de graça, mas não "graça barata", como disse Bonhoeffer. Oferece tudo e exige tudo. "De graça recebeste, de graça dai" e dê tudo. É verdade que os discípulos discutiram entre eles quem era o melhor, mas com isso eles contradiziam seus carácter de discípulos do Senhor... O maior é o mais humilde. Jesus não diz: "tome minhas tradições e passe-as adiante, mas "pegue minha cruz e siga-me" ¹¹

Este segundo eixo teológico na construção de um modelo de missão pode ser contrastado com outra figura mais contemporânea sobre Cristo na América Latina, derivada pelas Teologias da Prosperidade, que se refere a um Cristo materialista, que oferece especialmente bênçãos para aqueles que creem nele. Esse é um Cristo que despojado de sua soberania e senhorio torna-se um facilitador de favores e presentes em resposta à expectativa consumista de seus seguidores. Ele é um Cristo de milagres, mas não com o propósito de dar glória a Deus, mas para satisfazer as necessidades imediatas daqueles que o procuram.

Ao contrário do Cristo bíblico, este Cristo não exige a rendição total, mas sim fornece bênção material; não exige um compromisso radical, mas sim "deve" responder às demandas de seus seguidores. Um jornalista argentino não cristão que publicou um estudo crítico de igrejas evangélicas contemporâneas, menciona em seu prólogo essa metáfora errônea do Cristo materialista na seguinte descrição irônica,

Evangélicos, pastores e igrejas em geral oferecem um Cristo simples e não teológico, algo básico, algo elementar, operável, simples, acessível, confortável, um *fast* Cristo, de prateleira, ao alcance de nossas mãos depois de um duplo clique espiritual rápido. O Cristo Evangélico *easy* não exige as contorções do arrependimento judeu-cristão, nem as lágrimas do pecado e da culpa permanentes, porque este é um Cristo reparador da vida material, um Cristo que da tela da TV, cura você, o salva e também lhe paga as despesas ... " (Seselovski, Bs. As., 2005).

¹¹ Juan Stam. *Haciendo teología en América Latina*. San José, Costa Rica: Editorial SEBILA, 2006. p. 215

Em meio a tempos pós-modernos em que vivemos na qual a mensagem do Evangelho tende a ser diluída e onde as expectativas das pessoas buscam acomodar a mensagem aos seus interesses, precisamos cumprir a missão de Deus a partir da exigência da cruz e pregar o custo do discipulado para seguir Jesus.

A ressurreição de Jesus: esperança em Cristo frente a um mundo sem esperança

“Porque nos não pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor...”
2º Cor. 4: 5

A base teológica da Ressurreição de Jesus é outro marco fundamental para a configuração de um modelo cristológico de missão. Ao se referir a este evento na vida do Senhor, os teólogos wesleyanos escreveram:

A ressurreição torna-se "um artigo de fé" no desenvolvimento da ideia do Novo Testamento. A salvação depende da confissão com os lábios de que "Jesus é o Senhor" e crendo no coração que "Deus o ressuscitou dentre os mortos" (Romanos 10:9, ver Gal. 1:1, Ef. 1:20; Col. 2:12; 1 Tess 1:9-10; 2 Ti 2:8; 1P 1:21). A ressurreição torna-se "o centro vivo" da fé cristã¹².

O aspecto relevante desta base teológica é que um modelo de missão baseado em Jesus precisa estar focado no senhorio de um Cristo triunfante que nem a cruz nem o túmulo puderam parar; Ele definitivamente derrotou o pecado, Satanás e a morte; e porque Ele fez isso, ele vive e reina para sempre.

Bosh comentou que "nos termos do Novo Testamento, a exaltação de Jesus é o sinal da vitória que Jesus já obteve sobre o maligno. Missão significa a proclamação e manifestação do Reino de Jesus, um reino que inclui tudo, que ainda não foi reconhecido ou aceito por todos, mas que já é uma realidade"¹³.

O evangelista Mateus estabelece claramente que a afirmação do Senhorio do Cristo ressuscitado precede o envio de seus discípulos à Grande Comissão: "Toda autoridade me foi

¹² W.T. Purkiser, Richard S. Taylor y Willard H. Taylor. *Dios, hombre y salvación. Una teología bíblica*. Kansas City: Beacon Hill Press, s.f. p. 378.

¹³ David Bosch. *Ibid*, p. 61.

dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações... "(Mateus 28:18-20). Cumprir a missão implica ter a certeza de saber que a fazemos em nome do Todo-Poderoso Senhor do Universo, e que a única maneira de cumpri-la plenamente é vestir-se com poder do alto, de acordo com o que Ele prometeu (Lucas 24:49; Atos 1:8).

Ao contrário deste Cristo Triunfante, outro retrato cristológico em nossa América hispânica é o do Cristo que ficou na Sexta-feira Santa, é o Cristo da cruz, é o Cristo do crucifixo. É uma imagem de um Cristo sofredor, morrendo de fome, inerte, agonizante, lacerada por suas feridas, lutando entre a vida e a morte e que, em vez de inspirar a adoração, rendição e esperança, desperta piedade, tristeza e comiseração.

Esta imagem de Cristo, em geral, não despertou interesse entre as populações hispânicas de nossa América porque eles "não conheceram outro Cristo, exceto o que se serve para que se compadecer e apadrinhar. Isso pode ser feito com uma criança; também com uma vítima que sofre e com uma pessoa morta; mas não com o Cristo dos Evangelhos, que se recusou a receber o consolo das lágrimas, enquanto ele estava em seu caminho para o Gólgota"¹⁴.

Como cristãos, embora entendamos o sacrifício extremo de Cristo mostrado na Sexta-feira Santa, acreditamos que as Escrituras nos ensinam que a passagem da cruz não era o ponto final, mas o prelúdio de sua Vitória definitiva no Domingo de Páscoa; que a transição do Calvário para o túmulo vazio é fundamental para a compreensão da missão. Stam disse, "sua morte não foi uma tragédia, foi (o) caminho da vitória para entrar na glória"¹⁵.

A cruz está vazia e o retrato final da Bíblia é o de um Jesus Ressurreto e Vivo, Triunfante e Vitorioso, Soberano e Rei. Essa imagem bíblica nos mostra que Ele é o Senhor de tudo, digno de toda adoração e que Ele tem exigências éticas para Seu Povo hoje.

¹⁴ Juan Mackay. Ibid, p. 129.

¹⁵ Juan Stam. Ibid, p. 209.

Este Cristo ressurreto tem palavras de esperança viva em meio a qualquer situação humana (1 Pedro 1:3). Porque Ele entrou no mundo, morreu, superou e ressuscitou nós temos esperança. Sua mensagem é relevante, atual e otimista em um mundo necessitado que transita sem rumo e direção.

Conclusões

A Escritura nos revela que Jesus é o modelo de missão que devemos seguir. A igreja primitiva desde seu princípio, entendeu que o coração da missão era Cristo e Sua mensagem, como evidenciado por todo o Novo Testamento. A missão evangélica é Cristocêntrica por natureza e para ser cumprida precisa ser efetivada no poder do Espírito (Atos 1:8, 1 Tess 1:5).

As três bases teológicas derivados da Pessoa e do Ministério de Jesus estabelecem um modelo missiológico a seguir. A Encarnação nos ensina sua identificação com a humanidade especialmente com os mais despojados do mundo; A Crucificação e a Morte nos revelam o custo e as exigências radicais de seguir Jesus, e a Ressurreição nos apresenta a mensagem de esperança baseada em um Cristo vivo e vitorioso, digno de ser adorado e proclamado a todas as nações.

Embora a América Latina seja um continente majoritário e nominalmente cristão, em geral, Cristo ainda é desconhecido, porque tem sido interpretado à luz de perspectivas individualistas e incompletas. As imagens de Cristo têm sido insuficientes e confusas para mostrar a Sua pessoa e mensagem. Isso abre um campo de missão para a proclamação de um Cristo bíblico que está profundamente interessado na redenção integral do ser humano.

No final de seu Evangelho, o apóstolo João registra o chamado do Cristo ressurreto aos seus discípulos, ainda temerosos e confusos com os acontecimentos que ocorreram, com as seguintes palavras: "Assim como o Pai me enviou, eu vos envio" (João 20:21). Esse é também o chamado de Jesus a sua igreja hoje para cumprir Seu mandado em nossa geração e ser agentes de transformação e esperança no meio de uma sociedade sofredora.

Bibliografía

- Bedford, Nancy y Harold Segura. *CLADE V. Sigamos a Jesús en su Reino de Vida*. Buenos Aires: Editorial Kairós, 2011.
- Bosch, David. *Misión en Transformación. Cambios de paradigma en la teología de la misión*. Grand Rapids, Michigan: Libros Desafío, 1991.
- Escobar, Samuel. *Cómo comprender la misión. De todos los pueblos a todos los pueblos*. Buenos Aires: Editorial Certeza, 2007.
- _____. *En busca de Cristo en América Latina*. Buenos Aires: Editorial Kairós, 2012.
- Fitzmeyer, Joseph. *El Evangelio según San Lucas: Introducción general*. Cristiandad, Madrid, 1986.
- Mackay, Juan A. *El Otro Cristo Español*. Buenos Aires: Ediciones La Aurora, 1988.
- Manual de la Iglesia del Nazareno*. Lenexa: Casa Nazarena de Publicaciones, 2013.
- Senior y Stuhlmüller, *Biblia y Misión: fundamentos bíblicos de la misión*. Verbo Divino, Estella, 1985.
- Seselovski, Alejandro. *Cristo llame ya*. Buenos Aires: Editorial Norma, 2005.
- Stam, Juan. *Haciendo teología en América Latina*. San José, Costa Rica: Editorial SEBILA, 2006.
- Stott, John. *La cruz de Cristo*. Buenos Aires: Ediciones Certeza, 1996.
- Tozer. A.W. *La cruz total*. Buenos Aires: Editorial Alianza, 2010.
- W.T. Purkiser, Richard S. Taylor y Willard H. Taylor. *Dios, hombre y salvación. Una teología bíblica*. Kansas City: Beacon Hill Press, s.f.
- W.T. Purkiser. *Explorando nuestra fe Cristiana*. Kansas City: Casa Nazarena de Publicaciones, 1979.